

A PIADA MORTAL: UM DIA RUIM NA VIDA DO CORINGA.

Alexandre de Carvalho Rodrigues da Silva

RESUMO

O presente artigo é fruto de uma pesquisa histórica sobre um personagem de quadrinhos de super-herói chamado Coringa presente no universo de Batman por meio da obra *A Piada Mortal* (1988). Inserida no chamado período revisionista da década de 1980 no mercado criativo dos quadrinhos *A Piada Mortal* (Alan Moore e Brian Bolland) apresenta entre outras situações, uma suposta narrativa de surgimento para o Coringa que também é conhecido pela alcunha de “O Palhaço do Crime”. Analisar algumas piadas presentes na narrativa gráfica da obra como uma espécie de humor singular e histórica, além de conhecer a cronologia do personagem no contexto dos quadrinhos de Batman nos ajudam a desvelar as continuidades e discontinuidades na interpretação histórica de um personagem mutável com o passar dos anos, podendo ser interpretado como mortal pelas suas piadas, mas também por sua noção do bem e do mal. As análises contam com a interpretação da linguagem do risível em Sírío Possenti e de significativa pesquisa sobre os quadrinhos de super-heróis.

Palavra-Chave: Coringa – quadrinhos – história – humor.

ABSTRACT

This article is the result of a historical research on a character superhero comic called Joker present in the Batman universe through the work *The Killing Joke* (1988). Inserted in the so-called revisionist period of the 1980s in the creative market comic book *The Killing Joke* (Alan Moore and Brian Bolland) presents among other situations, a supposed appearance of narrative to the Joker which is also known by the nickname "The Crime Clown". Analyze some jokes present in the graphics of the work narrative as a kind of unique and historical humor, besides knowing the chronology of the character in the Batman comics of context help us reveal the continuities and discontinuities in the historical interpretation of a changing character over the years and may be interpreted as a mortal for his jokes, but also for his sense of good and evil. The analysis rely on the interpretation of the language of laughable in Sirio Possenti and significant research on superhero comics.

Keywords: Joker – comics – history - humor

“Embora o humor deva provocar o riso,
nem todo riso é fruto do humor. O riso
pode ser ameaçador (...)”
(Jan Bremmer e Herman Roodenburg)

(...) Ao contrário do que dizia Platão,
portanto, não é dos amigos fracos que
rimos, e sim dos inimigos fortes que se
desconhecem¹.

I INTRODUÇÃO

O presente artigo é fruto de uma pesquisa histórica sobre um personagem de quadrinhos² de super-herói chamado *Coringa*³. Escolhi tratar o personagem do universo de Batman focado na obra de 1988 *A Piada Mortal*. Um dos motivos da escolha dessa obra está em sua inserção no chamado período revisionista da década de 1980 no mercado criativo dos quadrinhos e que ficaria marcado pelas obras *Batman: O Cavaleiro das Trevas* de Frank Miller e *Watchman*, de Alan Moore.

Em *A Piada Mortal*⁴ de Alan Moore e Brian Bolland é mostrada entre outras situações, uma suposta narrativa de surgimento para o *Coringa* que também é conhecido pela alcunha de “O Palhaço do Crime”. O *Coringa*, quando mencionado, costuma ser relacionado entre os vilões⁵ “amalucados” do

¹ ALBERTI, Verena. “O Riso e o Risível na história do pensamento”. 2ª edição. Jorge Zahar. Rio de Janeiro, 1999. pp.89.

² As histórias em quadrinhos, no Brasil, são popularmente conhecidas como gibis. Há, no entanto, equívocos na utilização dessa expressão. O termo gubi é um exemplo de metonímia, pois a expressão era o nome de uma revista de variedades destinada ao público infantil, que apresentava, entre outras coisas, histórias em quadrinhos. Os quadrinhos já receberam diversas denominações, variando conforme o autor ou o país. Por exemplo: nos EUA, os quadrinhos são chamados de comics; na maior parte dos países americanos de língua espanhola, são denominados historietas; na Espanha são denominados tebeos (neste caso, também a marca da revista “TBO” tornou-se a denominação da linguagem); em Portugal, história aos quadrinhos ou banda desenhada, assim como na França, bande dessinée; na Itália, fumetti, por analogia aos balões.

³ “Joker” nos EUA. No Brasil, Coringa por causa da Editora Brasil-América Ltda., a Ebal, do Rio de Janeiro, que lançava as histórias em quadrinhos do Batman no Brasil em 1953. Os editores decidiram que a palavra Curinga, o sinônimo correto para o Joker, era “muito feia” e trocaram-a por Coringa.

⁴ Em 1989, *A Piada Mortal* ganhou as principais premiações dos quadrinhos americanos: o Harvey Award (*Melhor história, desenhista, colorista e graphic novel*) e o Will Eisner Comic Industry Award (*Melhor escritor, artista e graphic novel*).

⁵ Essa história quebrou alguns paradigmas dos quadrinhos. Em geral, a relação herói-vilão é simples e maniqueísta. O mocinho perfeito enfrentando seu contraponto imperfeito. Nos

universo de Batman. Em *A Piada Mortal*, temos o personagem representado pelos seus autores artísticos e editores, como algoz de homicídios e insanas ações para convencer Batman de sua “loucura pessoal”. Que seria loucura querer ser um herói, em um mundo que para o criminoso já havia perdido sentido há muito tempo atrás em sua vida particular.

Apesar de numa primeira análise o assunto parecer fora do que foi trabalhado em meus outros artigos que envolvem as narrativas imagéticas de Batman, muitos foram os debates e a riqueza e a pluralidade de leituras que encontrei e que me deixaram instigado em escrever algo próximo ao meu objeto de pesquisa que relaciona Batman nos quadrinhos ao estudo da teoria de história, de forma mais específica, o conceito de história em Walter Benjamin.

A produção criativa da década de 1980 nas HQs⁶ é bastante complexa e cheia de diversidade de temas, mas apresenta em sua grande maioria uma releitura dos super-heróis e de outros personagens que surgiram na cultura dos EUA no contexto logo após o fim da Grande Depressão.

Reconhecer o *Coringa* em sua releitura como personagem das revistas de Batman por meio de seu senso de humor e realidade construídos nesse período do mercado criativo dos quadrinhos norte-americanos, abriu-me a possibilidade de enxergá-lo também como uma reverberação não só das narrativas do homem morcego mas como muitas vezes, o mediador da loucura em um contexto de desordem e caos que vem desde sua primeira publicação no final da década de 1930.

II BATMAN E CORINGA: A CRONOLOGIA DE UM RELACIONAMENTO DE OPOSTOS.

roteiros clássicos, a função do bandido é personificar as dificuldades, a força opositora que apresenta resistência ativa e, por isso, valoriza e enobrece os esforços do protagonista para atingir seus ideais. Nos roteiros pouco mais elaborados e menos ortodoxos, o maniqueísmo ainda é presente, mas atenuado. O herói já não é visto como um arquétipo da perfeição, mas como qualquer pessoa. Ele tem problemas e conflitos internos, seu diferencial é a perseverança e a coragem de enfrentar os problemas, mesmo consciente de suas imperfeições. O vilão, por sua vez, passa a representar um elemento menos importante, embora mais complexo.

⁶ HQs: Usaremos neste trabalho também esta sigla para nos referirmos as Histórias em Quadrinhos.

Cabelos verdes, pele alva, roupas espalhafatosas, planos mirabolantes e sagacidade a toda prova fazem cada aparição do *Coringa* nos quadrinhos, televisão ou cinema um grande evento, na maioria das vezes em que ele se mostra percebemos que o “Palhaço do Crime” traz consigo também muita inteligência, psicopatia, violência e mortes. O *Coringa*⁷ é um dos mais terríveis e assustadores vilões do mundo dos quadrinhos.

Em 1938 a editora National Periodicals⁸ lançou o Superman⁹ na revista Action Comics número 1, e o sucesso fez com que os editores solicitassem aos seus roteiristas e desenhistas novos heróis parecidos com o “Homem de Aço”.

Em abril de 1939 a revista Detective Comics número 27 trouxe a primeira aventura do Batman, um noturno vingador fantasiado com uma roupa inspirada em morcegos e que impunha justiça aos criminosos nas ruas de Nova York¹⁰.

O Batman em “início de carreira”, no final dos anos trinta e início dos quarenta, era um tanto quanto diferente daquele que conhecemos da mídia na atualidade. Desprovido do Batmóvel, do cinto de utilidades e outras recursos, ele não tinha o menor pudor em deixar criminosos morrerem no final das suas histórias, isso quando ele mesmo não os matava.

E nessa época os adversários do “Homem-Morcego” basicamente eram gangsteres ou então cientistas loucos dispostos a fazer qualquer coisa para atingir seus objetivos malignos. Nenhum deles era lá grande coisa, tanto que quase sempre as suas aparições ficavam restritas há uma única aventura.

Nas histórias que aparecem o *Coringa* pela primeira vez o personagem repentinamente desponta no cenário criminoso, roubando e matando alguns milionários da cidade e nem mesmo a polícia consegue capturá-lo.

⁷ Existem duas versões para a criação do personagem. Bob Kane (1915-1998) diz em sua biografia que fez um esboço do personagem e o apresentou a Bill Finger (1914-1974), que o achou parecido com o ator alemão Conrad Veidt no filme “O Homem que ri” de 1928. Jerry Robinson (1922-) diz que a idéia de criar o Coringa foi sua visando dar a Batman um adversário diferente dos gangsters. A semelhança com o Coringa desenhado em um baralho dizem que foi fundamental. Segundo Fred Finger (filho de Bill Finger) seu pai revelou-lhe que a aparência do Coringa na verdade foi inspirada em um sorridente rosto impresso em um anúncio do Steeplechase Park, um entre os vários parques de diversões que existiam entre os anos vinte e setenta em Coney Island, uma famosa estância balneária americana.

⁸ DC comics

⁹ De Jerry Siegel e Joe Shuster

¹⁰ Batman criado por Bob Kane, Bill Finger e Jerry Robinson. As primeiras histórias eram ambientadas em Nova York por que só posteriormente substituíram-na por Gotham City.

O fato interessante era a forma como o *Coringa* assassinava os seus alvos injetando em suas vítimas uma fórmula química que além de matá-las, contraía seus músculos faciais, fazendo com que elas estampassem um macabro sorriso no rosto.

A série de crimes cometida pelo palhaço do crime chamou a atenção de Batman e Robin¹¹, e coube a eles lançarem-se em uma busca frenética atrás do vilão, até sua captura. No entanto o *Coringa* foge da cadeia, e novamente a “Dupla Dinâmica” sai ao encalço do bandido. No clímax da caçada, Batman fica frente a frente com o vilão, e na luta que se segue, acidentalmente o Coringa se esfaqueia e fica entre a Vida e a Morte. Batman e Robin pensam que o vilão está morto, mas na verdade ele sobrevive¹².

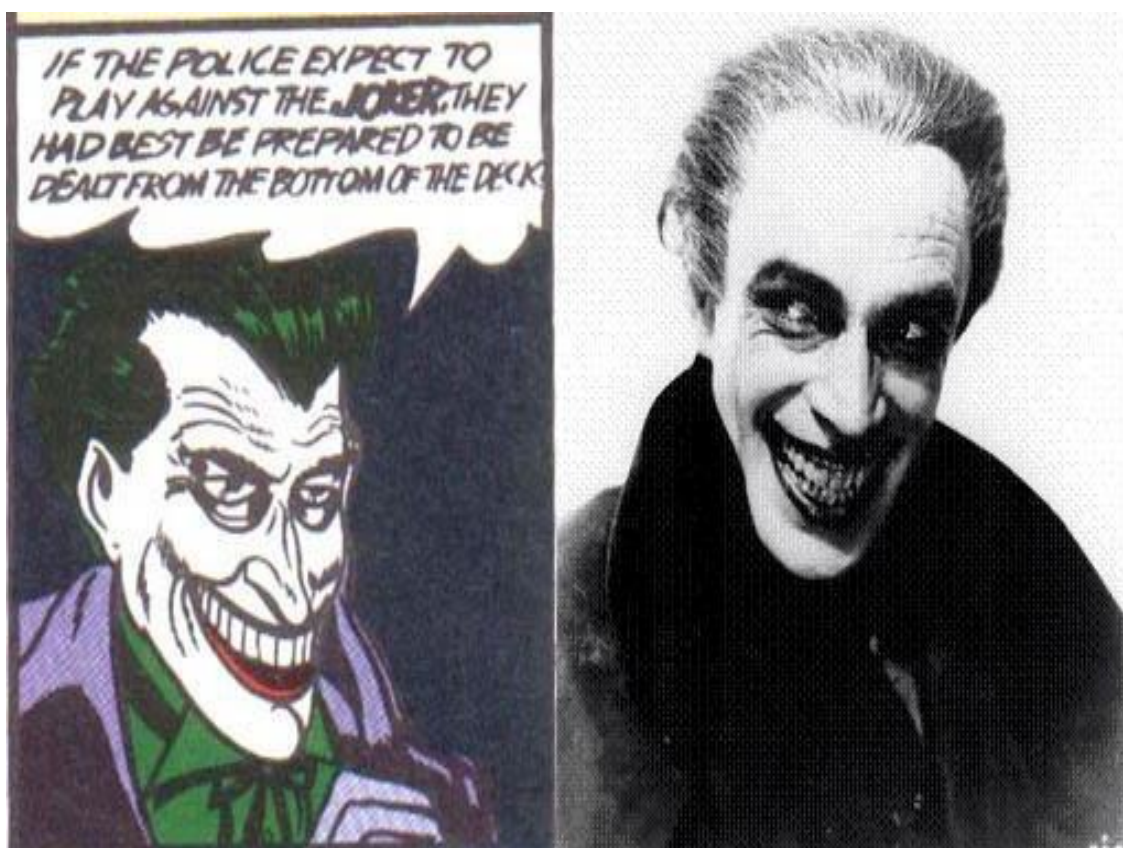


Fig. 01: O Coringa desenhado na sua concepção inicial (1940) inspirado nas características do personagem do ator Conrad Veidt.

¹¹ Que havia feito a sua primeira aparição nos quadrinhos na revista *Detective Comics* número 38

¹² Eram duas histórias publicadas nos EUA originalmente em *Batman 1* de 1940. Recentemente republicadas no Brasil pela editora Panini. *Batman: Crônicas volume 1*. São Paulo, 2007. “O Coringa” e “O Retorno do Coringa” respectivamente.



Fig. 02: Capa da revista Batman número 1 lançada em 1940 nos EUA com a primeira aparição do Coringa e a capa da revista Batman número 11 que confirmava a continuidade do personagem no contexto do Homem-Morcego.

No início de sua “carreira criminosa” o *Coringa* quase sempre deixava um rastro de corpos para trás e era um sujeito relativamente frio e calculista, entretanto a caracterização do vilão lentamente foi mudando.

Entre essas razões precisamos entender que a própria caracterização do Batman foi ficando mais “suave”, “infantil” e “detetivesca” com o passar do tempo. A entrada de Robin na mitologia do Homem-Morcego, foi um reflexo para os editores e artistas da National Allied Periodicals do que acontecia nos EUA naquele momento criativo da arte seqüencial e passaram a preparar as revistas tendo em vista única e exclusivamente o público infanto-juvenil.

O objetivo era suprimir dos quadrinhos o sexo, a violência e qualquer outro item “prejudicial” à formação dos jovens. No mercado americano as aventuras do Batman eram publicadas nas revistas Batman, Detective Comics e World’s Finest. Foi um passo natural o Coringa estar inserido nessa mudança, e mais ou menos por volta de 1942 e no decorrer da década de 1950 o *Coringa* deixou de lado os assassinatos e passou a priorizar os grandes golpes completamente amalucados¹³.

¹³ Em 1946 foi publicada na revista *Batman* 37 a história “*The Joker Follows Suit*” (O Coringa Segue o Exemplo), onde após mais uma fuga da prisão o Coringa decide que a melhor estratégia que o Palhaço do Crime deveria seguir para combater o seu inimigo era ter um Coringamóvel, um Coringacóptero e um Coringasinal.

Já nos anos sessenta, entretanto nesse período as aparições do palhaço do crime nas revistas do Batman diminuíram sensivelmente. Possivelmente isso tenha ocorrido porque os editores da National Allied Periodicals decidiram não expor em demasia um de seus melhores “vilões”, entretanto segundo alguns estudiosos da história dos quadrinhos norte-americanos, o mais provável é que os editores tenham se amedrontado com o Comic Code Authority¹⁴. Com o passar do tempo o personagem ficou cada vez mais “palhaço”¹⁵.

¹⁴ Na década de cinquenta muitos “especialistas” consideravam os Quadrinhos – com sua “violência desmedida” e seus terríveis “apelos eróticos” – uma influência “perniciosa” para a boa juventude estadunidense e um sinal da eminente “derrocada moral” dos EUA. Nos anos 50, com a publicação do livro *A Sedução dos Inocentes*, os quadrinhos passaram a ser combatidos pelos acadêmicos ligados à área da Psicologia e do Comportamento. Como resposta às pressões, as editoras desenvolveram o Código de Ética dos Quadrinhos, o que fez com que diminuísse o número de leitores. CADERNO 2. “Quando os gibis conheceram o fogo da Inquisição”. Sergio Augusto. O Estado de São Paulo. 12/04/2008.

¹⁵ No famoso seriado televisivo da década de 1960, o Coringa “palhaço” era representado pelo ator César Romero. Visualmente impactante, o Coringa de Romero preenchia toda a tela da televisão quando entrava em cena, e com sua gargalhada estrepitosa e enorme energia física, o ator de ascendência cubana tornou-se uma das representações mais icônicas do personagem.



Fig. 03: O Coringa em uma luta mortal contra Batman, ferindo-se mortalmente. In Batman: Crônicas. “O Retorno do Coringa”. (1940)



Manic Menace

Fig. 04: César Romero interpretando o Coringa na série de TV americana nos anos 1960 e o Coringa do desenhista Dick Sprang.

III TENTANDO ENTENDER A PIADA MORTAL

Os verdadeiros nomes e motivações de praticamente todos os adversários de Batman sempre foram de conhecimento daqueles que acompanham as revistas nestes 70 anos de vida do personagem. Talvez a única exceção a essa regra seja o *Coringa*. Provavelmente os autores e editores que trabalharam com o Batman desde os anos quarenta até os dias de hoje entenderam que tal mistério, em especial no que tange ao verdadeiro nome do criminoso, era um componente fundamental da caracterização do palhaço do crime.

Todavia um fragmento na historicidade do personagem foi levantado. No início de carreira, Batman perseguiu um criminoso chamado Capuz Vermelho¹⁶ que usava uma máscara vermelha que cobria totalmente seu rosto. O misterioso bandido cometeu uma série de assaltos espetaculares em Gotham City, até ser acuado pelo Homem Morcego durante um roubo na Monarch Playing Card Company, uma fábrica de baralhos.

Na tentativa de não ser capturado, Capuz Vermelho caiu em um tanque de resíduos químicos existente na fábrica, e como seu corpo nunca foi encontrado Batman deduziu que o criminoso havia morrido.

Entretanto, o criminoso conseguiu sair do tanque tendo seu rosto completamente desfigurado, sua pele esbranquiçada e seus cabelos verdes. Após ver o estado em que se encontrava, Capuz Vermelho decidiu aposentar sua máscara rubra e assumir uma identidade mais adequada a sua nova aparência¹⁷.

Nos anos que se seguiram a publicação dessa aventura, outros roteiristas e editores adicionaram novos elementos à vida pregressa do *Coringa*, sendo que em algumas ocasiões ele era retratado como um humorista fracassado e em outras como um assassino a soldo da Máfia de Gotham City.

¹⁶ Red Hood.

¹⁷ “*The Man Behind the Red Hood*” Publicada nos EUA em fevereiro de 1951 na revista *Detective Comics* 168. O Homem por Trás do Capuz Vermelho, publicado no Brasil na edição especial *Batman vs. Coringa Através das Décadas*, 2003, Opera Graphica Editora.

Nunca ficou realmente claro o que o *Coringa* fazia antes de se tornar o mortal adversário de Batman, quase todas as versões levam em consideração a parte da concepção inicial do personagem relacionada a queda do personagem no tanque químico.



Fig. 05: A Capa de Detective Comics 168 com a suposta concepção do Coringa (1951) ao lado da capa original do álbum de A Piada Mortal (1988).

IV QUANDO UMA PIADA VOLTA A MATAR

Depois de anos e anos de golpes mirabolantes e frustradas e cômicas tentativas de executar seus desafetos, o Coringa voltava a matar, da mesma forma que fazia quando estreou em 1940¹⁸. Agora havia um elemento novo para a época dado pelos roteiristas¹⁹, no qual, o personagem havia fugido do “hospital estadual para criminosos insanos”.

Nos anos 1980 e com a saga Crise das Infinitas Terras²⁰ houve uma reestruturação de todos os personagens da editora que publicava as revistas do Batman. No entanto em 1986 a minissérie O Cavaleiro das Trevas²¹ impactou de maneira decisiva toda a indústria estadunidense de quadrinhos.

Nesta história marcada pelo humor negro do personagem, violência extrema o palhaço do crime é mostrado internado no Asilo Arkham²² em estado catatônico. Quando descobre que Batman havia voltado à ativa o *Coringa*

¹⁸ No início dos anos setenta o público consumidor de quadrinhos amadureceu o bastante para assimilar enredos mais sofisticados, e até mesmo mais violentos, e principalmente porque nesse período o Comic Code Authority havia perdido parte da sua força restritiva.

¹⁹ Em entrevista concedida à revista *Back Issue*, o roteirista Denny O’Neil admite que suas lembranças dessa época são esparsas e que ele não tem certeza se a volta do Coringa foi idéia sua ou de Julius Schwartz. A única certeza que o roteirista tem é que muito provavelmente ele pesquisou gibis antigos em busca da “verdadeira essência” do Palhaço do Crime, e ao se deparar com as primeiras aparições do personagem, ele constatou que aquela caracterização seria perfeita para o roteiro que ele tinha em mente.

²⁰ Crise nas Infinitas Terras:

²¹ Dark Knight Returns: O Cavaleiro das Trevas, de Frank Miller. (1986)

²² Asilo Arkham: hospital prisão para criminosos insanos.

empreende uma espetacular fuga, deixando um rastro de trezentos corpos para trás e dirigindo-se para um parque de diversões onde pretende aumentar ainda mais esse número, e justamente no Túnel do Amor desse parque acaba acontecendo o grande duelo final entre os eternos antagonistas.

Durante esse duelo Batman partiu o pescoço do *Coringa*, deixando seu inimigo à beira da morte, e podendo livrar de vez o mundo do mal que era o palhaço do crime, o Homem-Morcego hesitou em executá-lo. O que foi a deixa para o *Coringa* ridicularizá-lo verbalmente e, por fim, suicidar-se, contorcendo seu pescoço quebradiço.



Fig. 06: A seqüência em quadrinhos do momento do assassinato de Robin pelo Coringa com vários golpes de “pé de cabra”. O evento é conhecido no mundo dos quadrinhos como “Morte em Família”.

V A PIADA MORTAL.

“Precisamos de personagens autênticos para que você tenha uma relação autêntica com eles”²³.

Até então uma das únicas coisas que se sabia do *Coringa* é que ele tinha sido o bandido conhecido como Capuz Vermelho. A partir da narrativa gráfica de *A Piada Mortal*, o Coringa foi representado no que ele era e no que é em suas alegrias, frustrações e motivações. Era um caminho para se conhecer o passado do personagem construído na visão dos autores do período revisionista dos quadrinhos de super-heróis.

O Palhaço do Crime passaria a se lembrar de uma possível vida anterior a sua entrada no mundo do crime. Suas memórias apresentadas na obra em cenas de flashback mostram uma família e uma tragédia. E isso tudo, aliado a seu espírito covarde, culminou na criação de uma nova personalidade, uma fuga, uma máscara para encarar a realidade.

No enredo dessa narrativa gráfica o *Coringa* resolve tirar a prova de uma teoria. *Tudo que separa um louco de um são é um dia ruim, um simples, porém marcante, dia ruim*²⁴. O alvo do criminoso seria, na sua visão, uma pessoa comum. Conhecida por seu caráter e racionalidade dentro do contexto que se desenrolam as narrações do universo de Batman, o comissário de polícia Jim Gordon. Para provar sua teoria, o palhaço do crime aleijou Bárbara Gordon²⁵, raptou Jim Gordon, humilhou e o torturou psicologicamente. O comissário resistiu mantendo a sanidade provando que o *Coringa* estava errado em relação a sua pessoa. Como quase sempre acontece Batman empreende uma caçada buscando prender o *Coringa* em um parque de diversões onde não acontece apenas um duelo físico entre os antagonistas, mas também um desenrolar de imagens cômicas de luta e de uma narrativa densamente “bem humorada” do *Coringa* ao ser capturado por Batman.

²³ Alan Moore em entrevista ao site G1 sobre a composição dos personagens em seus trabalhos. ASSIS, Diego. São Paulo em 27/07/2007. Globo.com. <http://g1.globo.com/Noticias/PopArte/0,,MUL78296-7084,00.html>

²⁴ “Demonstrei que não há diferença entre mim e outro qualquer! Só é preciso um **dia ruim** pra reduzir o **mais são dos homens** a um **lunático**. Essa é a **distância** entre o mundo e eu... apenas um **dia ruim**”(grifos do roteirista). BOLAND, Brian e MOORE, Alan. *Batman: A Piada Mortal*. Editora Abril. São Paulo, 1999. pp. 41.

²⁵ Filha do comissário Jim Gordon e também a antiga heroína conhecida como A Bat-Moça.

5.1 AS PIADAS MORTAIS

Possenti (1998) apresenta algumas possibilidades de conhecimento para entender as piadas. Na análise das piadas selecionadas da obra *A Piada Mortal* observamos e ficamos atentos a questão da tradução da língua original do inglês para português. Para “sacar” as mesmas piadas, foi necessário desenvolver a fragmentação do Coringa quanto personagem no decorrer do tempo no universo de Batman buscando fazer uma ligação entre suas ações e o seu humor em cada uma delas, explicitando sobre o personagem nos últimos anos e principalmente na obra “A Piada Mortal”. É preciso conhecer o personagem para entender suas piadas neste caso.

Nas piadas que selecionei o próprio Coringa dá o seu próprio humor as situações maldosas que ele impõe com seus chistes. E até mesmo quando suas piadas se tornam perguntas, ele mesmo dá as respostas. Observa-se que o riso passa a ter uma função moral bem mais aguda: a de condenar aquilo de que se está rindo – objeto de desdém pelo qual não se tem qualquer apreço²⁶. No humor negro do personagem em meios as situações delirantes e no contexto que estão inseridas suas piadas é que busco analisar, como levanta Possenti (1998) a ressonância de alguns domínios discursivos “quentes”, como o da loucura presente no Coringa naquela situação²⁷.

a) Sua visão sobre o parque de diversões que pretende transformar em um circo do terror: “(...) ele é espalhafatoso, feio e os mendigos o usam como privada. Os Brinquedos estão imprestáveis e podem machucar ou matar qualquer criança, fácil, fácil. (...) Eu **A-DO-REI!**”²⁸

Há piada neste caso acontece por apresentar em sua estrutura um tema que é socialmente controverso²⁹. Um criminoso que pretende comprar um parque de diversão abandonado, que para os padrões da sociedade americana

²⁶ ALBERTI, Verena. O Riso e o Risível na história do pensamento. 2ª edição. Jorge Zahar. Rio de Janeiro, 1999. pp. 78.

²⁷ POSSENTI, Sírio. “Os Humores da Língua: análises lingüísticas de piadas”. Campinas. Mercado das Letras, 1998. pp. 25

²⁸ BOLAND, Brian e MOORE, Alan. “Batman: A Piada Mortal”. Editora Abril. São Paulo, 1999. pp. 41. pp. 09.

²⁹ POSSENTI, Sírio. “Os Humores da Língua: análises lingüísticas de piadas”. Campinas. Mercado das Letras, 1998. pp. 25.

deveria ser um lugar de felicidade, aos olhos do *Coringa* se tornará um lugar de dor e sofrimento para o próximo e de alegria para ele mesmo. Conhecendo um pouco do personagem vemos que a piada também funciona por que podemos interpretar um pouco do senso de humor negro do personagem que nunca se preocupou com a vida humana em suas ações. Para Possenti (1998) as piadas operam fortemente com estereótipos.

b) Conversando com sua esposa grávida sobre sua vida social antes de se tornar o Coringa (cena em flashback em relação ao tempo original da história): “Só queria ter dinheiro pra morar numa vizinhança decente. Tem garotas aí nas ruas que ganham mais do que eu e não precisam contar uma piada³⁰”.

As piadas são interessantes porque são quase sempre veículo de um discurso proibido, subterrâneo, não oficial, que não manifestaria, talvez, através de outras formas de coletas de dados, como entrevistas, a opinião de grupos e até mesmo de pessoas³¹. Após contar esta piada, podemos observar no fundo da imagem a esposa rindo da piada do comediante fracassado. Ela mais do que ninguém conhecia a realidade dos dois e conseguiu rir da situação ao invés de se desesperar como seu esposo estava fazendo. No século XVII, diz Bakhtine, o que era essencial ou importante não podia mais ser cômico: o riso tornara-se um divertimento leve, ou ainda uma espécie de castigo útil³².

c) Falando ao comissário Gordon imediatamente após disferir um tiro a queima roupa em sua filha: “Por favor, não precisa se preocupar. O senhor sabe como as bibliotecárias são **silenciosas**. Elas odeiam **barulho**”³³.

E com a moça agonizando de dor na frente do pai: “Ora **francamente...** o caso não é tão grave assim... de fato, a possibilidade dela voltar a andar é muito remota. Mas tudo pode ser resolvido com uma **cadeira de rodas**”³⁴.

³⁰ BOLAND, Brian e MOORE, Alan. “Batman: A Piada Mortal”. Editora Abril. São Paulo, 1999. pp. 11.

³¹ POSSENTI, Sírio. “Os Humores da Língua: análises lingüísticas de piadas”. Campinas. Mercado das Letras, 1998. pp.26.

³² ALBERTI, Verena. O Riso e o Risível na história do pensamento. 2ª edição. Jorge Zahar. Rio de Janeiro, 1999 pp. 82.

³³ BOLAND, Brian e MOORE, Alan. “Batman: A Piada Mortal”. Editora Abril. São Paulo, 1999. pp. 17.

³⁴ Idem.

Ao contrário do Batman que se apresenta desde o começo da narração de *A Piada Mortal* um personagem calmo, centrado, apaziguador. O *Coringa* segue por outra direção. Inicia com o cruel ataque a Barbara Gordon, revelando um homem brutal e insano, a imagem de um psicopata. O que o *Coringa* queria era provar uma teoria de uma forma violenta em que um homem comum pode enlouquecer após um dia ruim³⁵. Ele provocaria esse dia ruim para o comissário Gordon através de uma “piada” na qual só teria graça para o próprio autor do crime. Penso que antes de tudo era uma crítica aquela estrutura social ao seu redor. A sua resposta era baseada na violência planejada friamente. Possenti nos apresenta que as piadas que criticam reproduzem, e só indiretamente, discursos que já circulam de alguma forma. Muitos criminosos do universo de Batman inúmeras vezes aprontaram planos mirabolantes contra o comissário chegando até mesmo a feri-lo. Mas o *Coringa* vai de forma mais profunda buscando deixar sua marca pessoal nessas pessoas. Ele é um “louco” e cabia a ele dar um significado aos eventos criminosos em Gotham City³⁶. Para muitos especialistas em quadrinhos que deram sua opinião sobre o enredo da revista encontra-se ali o auge da ação de um criminoso nas HQs de super-heróis. Se encararmos como o *Coringa* e o seu senso de humor e interpretarmos essa “piada”, como continua nos explicitando Possenti (1998), só mudou a forma da piada, da crítica da piada. Anteriormente o *Coringa* já havia matado a sangue frio o segundo jovem a vestir o uniforme do herói e parceiro de Batman a golpes de pé de cabra³⁷.

5.2. A GRANDE PIADA

O final da inquietante narrativa gráfica, se dá com uma piada contada pelo *Coringa* ao Batman.

³⁵ “Você teve um **dia ruim** uma vez, não é? Eu sei como é. A gente tem um **dia ruim** e tudo **muda**. Senão, por que você se vestiria como um **rato voador**?” BOLAND, Brian e MOORE, Alan. “Batman: A Piada Mortal”. Editora Abril. São Paulo, 1999.pp. 41.

³⁶ “Mas meu ponto é...meu ponto é... eu fiquei **louco**. Quando vi que **piada de mau gosto** era este mundo, preferi ficar louco. **Eu admito!**” (grifos do roteiristas). BOLAND, Brian e MOORE, Alan. “Batman: A Piada Mortal”. Editora Abril. São Paulo, 1999.pp.42.

³⁷ O jovem Jason Todd que assumiu a identidade de Robin com a saída de Dick Grayson que foi estudar.

"Dois loucos fugiram do asilo, mas teriam que atravessar um precipício para finalmente conseguirem escapar, nisso um fala para o outro: -Vamos lá, eu acendo a lanterna e você atravessa por cima do feixe de luz. E o outro responde: - Você acha que eu sou louco??? Vai que você apaga a lanterna e eu caio lá embaixo!"

Nisto *Coringa* começa a rir de repente o Batman esboça um sorriso e depois solta uma gargalhada junto com seu maior inimigo, cabendo aos leitores interpretar as nuances dessa história. Analisar as motivações do personagem ligadas ao seu jeito de ser, ao seu senso de humor macabro.

O roteirista Alan Moore faz uma analogia entre uma velha piada de loucos e o medo que o *Coringa* tem de tentar viver novamente e, mais uma vez, a vida o afrontar com a decepção. Na percepção do autor, depois da tragédia que levou sua sanidade, o personagem não suportaria uma segunda.

As piadas do *Coringa* só funcionam com ele. As piadas do *Coringa* dependem de uma dupla interpretação. São repletas de ambigüidade. A Carta do pseudo-Hipocrates é excelente exemplo da ambigüidade que cercava a questão do riso na Antiguidade. Ela oscila entre chamar de louco ou de sábio aquele que ri de todas as coisas. Como louco, ele não tem a medida do bem ou do mal: como sábio, está acima do bem e do mal e conclama os homens a sensatez, ao mesmo tempo em que receita o riso como remédio para todos os males, inclusive o da loucura³⁸.

As piadas mortais do *Coringa* devem ser analisadas em seu contexto para interpretarmos o seu humor negro. O que Raskin chama "gatilho" no caso do *Coringa* acaba sendo não apenas o texto si, mas nas HQs a imagem do personagem desenhado naquele contexto contribui muito. Na interpretação dos quadrinhos não são só os textos exclusivamente, mas juntamente com as imagens produzem e são essenciais para a mensagem que se quer representar³⁹. Por meio da arte de Bolland e seus desenhos detalhistas, com traços finos e pleno domínio do uso de luz e sombras, podemos observar que

³⁸ ALBERTI, Verena. O Riso e o Risível na história do pensamento. 2ª edição. Jorge Zahar. Rio de Janeiro, 1999. pp. 77.

³⁹ RAMOS, Paulo. No 6º FIQ – Festival Internacional de Quadrinhos. Realizado em Belo Horizonte de 6 a 12 de outubro de 2009.

imprime aos personagens uma noção de expressão corporal e facial poucas vezes vistas nas HQs americanas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS E IMAGENS DA PIADA MORTAL.

As piadas analisadas nos ligam ao personagem *Coringa* e a sua representação do homem norte americano que “não deu certo”, que teve um dia ruim e se entregou as suas dores e enlouqueceu se tornando um monstro. Possenti (1998) diz que temos que ter cuidado quando afirmamos que uma piada é cultural sem antes aprofundarmos nos no estudo de uma cultura específica. Nos fala que devemos conhecer traços da cultura para entender as piadas e rir delas. Mas também para entender as histórias infantis, mitos locais, receitas culinárias, aspectos da legislação, regras políticas etc.⁴⁰ Em *A Piada Mortal*, muitos veem que o objetivo do *Coringa* não é matar o Batman, mas sim derrotar o único homem que crê rivalizar com ele em genialidade, convertendo-o ao mundo dos loucos, derrotar não tornando-o um mártir, mas sim mostrando que tinha razão em ser louco, anárquico, niilista, caótico e sem esperanças.

A resignificação que nos chama a atenção é o que faz o *Coringa* ser um tanto invejado por Batman, fazendo e sendo algo que nenhum outro inimigo seu havia sido ou feito, que é sorrir diante de um fracasso ou de uma derrota. E isto é algo que Batman nunca consegue compreender realmente, causando também uma certa obsessão do “Homem-Morcego” em conhecer profundamente o “Palhaço do Crime”.

⁴⁰ POSSENTI, Sírio. “Os Humores da Língua: análises lingüísticas de piadas”. Campinas. Mercado das Letras, 1998. pp 42



Fig. 07: A cena do tiro a queima roupa na bibliotecária Bárbara Gordon-Batgirl. (MOORE: 1999, pp. 16) e quando o personagem sai enlouquecido do tanque de ácido. (MOORE: 1999, pp. 35)



Fig. 08: O Coringa se justificando ao torturado comissário Gordon com sua teoria de enlouquecer por causa de “um dia ruim”. (MOORE: 1999, pp. 36)



Fig. 09: Analisando a representação do sorriso do Coringa observemos a sua falta de esperança em relação a vida. Seu sorriso que pode ser a ressonância do riso medieval estudado em sala de aula, no próprio desenrolar da narrativa gráfica compõe um painel específico de insanidade e loucura. Esse sorriso de loucura observado em *A Piada Mortal* é muito próximo de sua composição original dos anos 1940. Ele chega a perguntar na história por que Batman não está rindo. (MOORE:1999, pp. 41)

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. O Riso e o Risível na história do pensamento. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed. FGV, 1999.

BOLAND, Brian e MOORE, Alan. Batman: A Piada Mortal. São Paulo: Editora Abril 1999.

Batman: Crônicas volume 1. São Paulo: Panini, 2007.

BREMMER, Jan e ROODENBURG, Herman (orgs.) Uma história cultural do humor. Rio de Janeiro: Record, 2000.

POSSENTI, Sírio. Os Humores da Língua: análises lingüísticas de piadas. Campinas. Mercado das Letras, 1998

RAMOS, Paulo. No 6º FIQ – Festival Internacional de Quadrinhos. Realizado em Belo Horizonte de 6 a 12 de outubro de 2009.